

O COTIDIANO DO CASAMENTO CONTEMPORÂNEO – A DIFÍCIL E CONFLITIVA DIVISÃO DE TAREFAS E RESPONSABILIDADES ENTRE HOMENS E MULHERES

Aluna: Thays de Azevedo Athayde Mielli de Assis
Orientador: Bernardo Jablonski

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo maior pesquisar o cotidiano do casamento de casais jovens que se dividem entre a vida familiar e a profissional. Investigamos como, na contemporaneidade, se dá entre cônjuges urbanos de classe média a divisão de tarefas dentro do lar, face às novas demandas impostas pelo desenvolvimento social.

Uma das principais mudanças no cenário sócio-cultural deve-se ao movimento de emancipação feminina e suas conseqüências, dentro e fora dos lares. No que diz respeito às atividades domésticas, o descompasso entre atitudes e comportamentos, tanto por parte dos homens quanto das mulheres, revela-se um ponto de crucial importância no que tange às expectativas e ao que deve ser feito, quanto da busca da manutenção dos laços afetivos em níveis satisfatórios.

As questões de gênero – face ao importante papel da mulher na organização familiar, na transmissão de modelos e na educação dos filhos em um novo contexto sócio-econômico, marcado pelo seu ingresso maciço na força de trabalho - e as novas configurações familiares e conjugais da contemporaneidade, aliadas à necessidade de se produzir uma literatura nacional sobre família e casal, conferem, a nosso ver, singular relevância ao estudo do tema em questão.

Assim, face à dupla jornada de trabalho e às dificuldades demonstradas pelos homens em compartilhar de forma mais igualitária as tarefas ditas domésticas (cuidar da casa e das crianças, fazer compras, arrumar, lavar e passar, entre outras atividades), supõe-se um aumento considerável de conflitos dentro dos casamentos de hoje. A existência (e em que grau) de atritos, e a forma como os cônjuges lidam com estas demandas antagônicas - fruto da herança de papéis de gênero tradicionais em conflito com as perspectivas contemporâneas mais igualitárias – é o foco principal do presente estudo.

Metodologia

Utilizamos uma metodologia qualitativa, cujo instrumento é uma entrevista semi-estruturada, para avaliar as expectativas e os comportamentos de casais acerca de uma série de tópicos relativos ao cotidiano da vida em comum. Vinte (20) membros de casais heterossexuais de classe média, com idades entre 30 e 45 anos (com pelo menos 5 anos de união) e com a condição de terem ao menos um filho, são os entrevistados em nosso estudo.

A entrevista é realizada na residência dos casais, feita com cada membro do casal separadamente. É importante frisar que as informações prestadas não são reveladas aos parceiros, e também, que nomes fictícios foram criados para a identificação dos mesmos, por motivos éticos.

As entrevistas são gravadas e transcritas na íntegra. Cada uma tem duração média de trinta minutos, por cônjuge. Não há vínculos de afetividade (amigos próximos ou parentes) entre o entrevistado e o entrevistador, para que este não inibisse a emissão de algum tipo de resposta, diminuindo assim o efeito de variáveis que poderiam afetar nossos resultados.

O questionário, que é o mesmo para ambos os membros do casal, está dividido em seis grupos de temas que procuram abranger ao máximo nosso objetivo: informações gerais sobre o entrevistado (dados concretos sobre idade, tempo de casamento, quantidade de filhos, horas de trabalho, entre outras); opinião sobre o casamento e a educação dos filhos, lazer, vida doméstica cotidiana, cuidado dos filhos e apreciação pessoal sobre a divisão das tarefas. Não são feitas perguntas ligadas à intimidade do casal ou qualquer outro tema considerado potencialmente embaraçoso.

Resultados parciais

Entrevistamos, até o momento, vinte (20) pessoas (10 casais) com os seguintes resultados parciais:

Opinando sobre **o que faz durar um casamento**, os entrevistados referiram-se a *respeito* (em primeiro lugar), *companheirismo*, *tolerância*, *valores semelhantes* e também *amor*. Entre as **vantagens de estar casado**, aparece mais freqüentemente em homens *o desejo de constituir família*. O casamento também é visto, por ambos os sexos, como *um antídoto contra a solidão* e uma forma *de partilhar bons e maus momentos, dividindo responsabilidades com a educação dos filhos e despesas com a manutenção do lar*.

Na indagação acerca das **desvantagens do casamento** notamos algumas diferenças de percepção entre homens e mulheres. Para os primeiros a *perda da liberdade* é a desvantagem mais importante. Entre as mulheres não há uma resposta preponderante, mas uma referência à *perda da individualidade e da liberdade* para tomar decisões que envolvam a vida profissional. Aparece ainda no discurso de homens e mulheres a convicção de que o casamento, na verdade, não apresenta muitas desvantagens. É uma “questão de acréscimo”, segundo o discurso de um deles, reproduzido, em outras palavras, por quase todos os entrevistados.

Perguntados sobre o que fariam diferente do casamento de seus pais, alguns entrevistados, notadamente os que são oriundos de famílias nas quais o casamento se desfez, manifestam um desejo acentuado de não repetir o mesmo modelo. Quanto aos que não tiveram tal “problema” familiar, costumam alegar que procuram ter um relacionamento mais compartilhado e companheiro.

Em relação à educação dos filhos, relatam que procuram estabelecer um diálogo e uma amizade, se desprendendo do papel de autoridade vivido com seus pais. Visam observar de perto o desenvolvimento dos filhos, assim como participar de suas vidas.

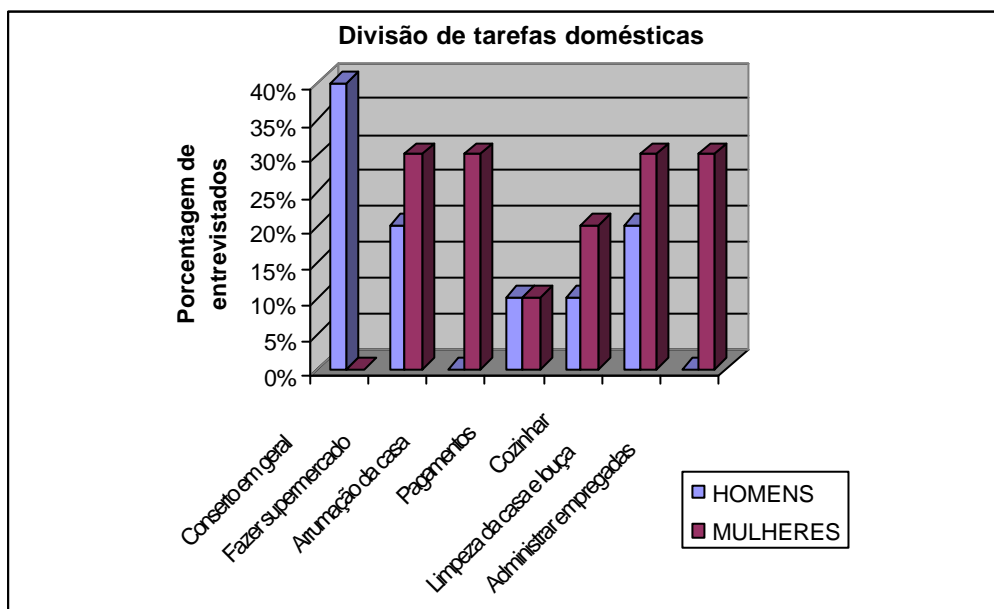
Quanto ao lazer, os hábitos relatados pelos entrevistados são variados e a freqüência pode, em grande parte, ser creditada à existência, ou não, de uma estrutura de apoio (babá, avós, empregada) no cuidado com as crianças. Em todos os casos, casais com filhos pequenos costumam direcionar sua programação de lazer para atividades que possam ser compartilhadas pelas crianças, embora sejam mencionadas atividades exclusivas do casal, nas hipóteses em que o apoio antes referido se faz presente, ainda que em menor freqüência que os programas realizados em família.

O lazer individual independente do companheiro e da família é muito mais freqüente entre os homens que entre as mulheres. O “futebol” e o “chopinho” com os amigos estão presentes no universo dos entrevistados do sexo masculino, sem correspondente entre as mulheres. Aqui pudemos notar uma certa dose de insatisfação por parte das entrevistadas, na

medida em que percebem uma desigualdade nas possibilidades de lazer individual entre os sexos – embora, nada manifestado de modo realmente muito enfático.

Todos os entrevistados contam com ajuda profissional para a realização das tarefas domésticas (empregada, diarista, folguista), bem como com o auxílio de familiares no que se refere ao cuidado com as crianças. Estes números são muito diferentes dos pesquisados por Araújo e Scalon (2005) [1], que indicam que em apenas 7,5% dos lares há o apoio efetivo de uma empregada doméstica (morando ou não na residência). Já para o IBGE (2000) [2], apenas 11% dos lares brasileiros contaria, oficialmente, com este tipo de ajuda. Se confirmados, estes dados sinalizam que são bem poucos os casais que podem arcar com os custos do auxílio de outras pessoas na lida doméstica. Nesse sentido, nossa amostra – composta por sujeitos de classe média alta – difere substancialmente da maior parte da população brasileira.

Quanto à divisão das tarefas domésticas, embora se note que os homens relatem uma participação efetiva, na verdade, cotejando as informações prestadas por homens e mulheres, verifica-se que aqueles têm uma função coadjuvante, colaborativa ou periférica: sua participação é definida pelas mulheres quase sempre como uma “ajuda” (vide gráfico abaixo).



Embora esta situação pareça injusta, já que muitas vezes a mulher tem igual ou maior carga de trabalho fora de casa que o homem, no discurso feminino, surpreendentemente, nem sempre aparece um sinal claro de inconformidade com tal situação. A se confirmar esta tendência nas entrevistas que ainda faltam, teremos no mínimo, de refazer o título de nossa pesquisa, retirando do mesmo os termos “difícil” e conflitiva”. Anos de socialização distinta parecem ter inculcado, mesmo em mulheres de alto nível de escolaridade, de classe média e antenadas com os discursos da pós-modernidade, a noção mais tradicional de que tarefas domésticas não se prestam mesmo a serem divididas igualitariamente entre os sexos.

Em relação ao cuidado com os filhos, a participação masculina é, de fato, maior do que a relatada nas demais tarefas domésticas. Não obstante, persiste sua característica de subsidiariedade. A atuação masculina é predominantemente complementar à da mulher, salvo naqueles casos, pouco comuns, em que o homem tem horários de trabalho flexíveis e a

mulher não. Em geral, os homens costumam realizar o transporte dos filhos (levar e buscar) para atividades e festas.

Quanto à apreciação pessoal sobre a divisão de tarefas, revela-se uma discrepância nos discursos dos entrevistados. Os homens referem-se à sua própria participação como mais intensa e relevante do que aquela percebida pelas mulheres. Elas, por sua vez, se vêem fazendo mais do que eles e algumas ressentem-se desta situação manifestando o desejo de dispor de mais tempo para si mesmas. O princípio teórico do fenômeno de atribuição de causalidade também parece dar conta destas diferenças percebidas entre homens e mulheres quando julgam a si mesmos ou ao outro, atribuindo responsabilidades distintas nas tarefas realizadas, ora quando são atores, ora quando observadores (Rodrigues, Assmar e Jablonski, 2003) [3].

Observe no gráfico abaixo alguns resultados parciais relativos a uma das perguntas do roteiro, que trata do que faz cada membro do casal em termos de tarefas domésticas. Importante lembrar que cada sujeito pode realizar múltiplas tarefas dentro do lar.

Conclusão

Estes resultados preliminares por nós encontrados são compatíveis com os apurados em outras pesquisas sobre o mesmo tema, tanto no Brasil quanto no exterior. Araújo e Scalon (2005)[1], por exemplo, ao apresentar os resultados da pesquisa “Gênero, Trabalho e Família em Perspectiva Comparada”, realizada no Brasil, mas em segmento social diferente (classes populares), referem-se a percepções muito semelhantes com relação à divisão de tarefas: a exemplo do que ocorre na classe média, os homens são coadjuvantes nas responsabilidades domésticas. A pesquisa em questão identificou também uma falta de sintonia na percepção de homens e mulheres sobre a divisão de tarefas dentro do lar. As mulheres a percebem como mais assimétrica, enquanto os homens julgam-na mais equitativa, embora ambos demonstrem uma acentuada discrepância entre o que fazem e o que a(o) companheira(o) considera que realmente é feito pelo(a) parceiro(a).

Estas distinções também se apresentam em pesquisa realizada por Davis e Greenstein (2004) [4] que, ao comparar as situações em países tão variados como EUA, Japão, Hungria, Rússia, entre outros, apuraram que os homens tendem a superestimar a sua contribuição nas tarefas domésticas, o que as mulheres não fazem, ao menos, não com a mesma intensidade.

Em quaisquer dos casos, é visível uma distância considerável entre o discurso e a prática, sendo certo que mesmo os homens cuja atitude é positiva em relação a uma divisão igualitária de tarefas, ainda adotam um comportamento não compatível com tais convicções. O que resulta curiosa é a ainda aceitação pelas mulheres de uma situação flagrantemente iníqua, em consonância com a idéia do conceito de tradicionalização. Este conceito diz respeito ao fato de homens e mulheres, após se tornarem pais/mães, adotarem posturas mais tradicionais no que tange a seus papéis parentais e em suas divisões de trabalho doméstico, apesar de possíveis atitudes igualitárias anteriores. Esta tendência para a assunção de papéis femininos e masculinos mais estereotipados se daria independentemente do status profissional das mulheres, nível educacional, ou das atitudes de gênero e divisões de trabalho preexistentes por parte dos casais. Assim, a divisão de trabalho doméstico costuma ser mais tradicional do que ambos os pais esperavam antes de os filhos nascerem (Brasileiro, Jablonski e Féres-Carneiro, 2002 [5]; Cowan e Cowan, 2000) [6].

Em suma, embora nossa pesquisa ainda não esteja concluída, o que temos verificado é que há ainda um longo percurso a ser percorrido pelos casais no caminho da igualdade. A boa notícia é que a viagem não está sendo percebida como muito difícil.

Referências

- 1- Araújo, C. e Scalon, C. (2005). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV.
- 2 - IBGE IX (2000). Recenseamento Geral do Brasil.
- 3 - Rodrigues, A, Assmar, E. e Jablonski, B. (2003). *Psicologia Social*. 23ª edição. Vozes: Petrópolis.
- 4 - Davis, S. N. & Greenstein, T. N. (2004). Cross-National variations in the division of household labor, *Journal of Marriage and the Family*, 66, 4, 1260-1271.
- 5 - Brasileiro, R. F., Jablonski, B. e Féres-Carneiro, T. (2002). “Papéis de Gênero e a transição para a Parentalidade”. Revista *PSICO*, 33, 2, JUL/DEZ., p. 289-310.
6. Cowan, C.P. & Cowan, P. A. (2000). *When partners become parent: the big life change for couples*. New Jersey: LEA.